

*Demo*  
*partie IV*  
**2080**

**Antoine Canary-Wharf**

Registo n° 349/2020 SIIGAC/2020/843 DATA: 2020.02.14

**JUPITER EDITIONS**

**Print Your Heart with Jupiter Editions©**

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

A 1ªOrdem de Impressão da 1ªEdição 2080 de Antoine Canary-Wharf tem 960 páginas

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

**A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers.** Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

## Siga o autor @antoinecanarywharf

(...)

— Está um telefone a tocar...

— Não é telefone nenhum... É a minha campainha... Estou à espera de um técnico que vem cá instalar-me TV satélite e tirar-me aquela porcaria de antena que me instalaram...

— A mim também me instalaram, mas eu contratei uma nova que foi lá desinstalar-me... Talvez seja a mesma com que contrataste... Essas antenas matam-nos a todos... Sabias que só uma antena daquelas emite radiação até 500 metros? E que tens imensos casos de cancro nos intestinos, no estômago e no fígado, por causa dessas antenas?

— Sabia, graças ao *Júpiter* de Gabriel Garibaldi! Por isso é que contratei com outra operadora que me prometeu desinstalar essa antena. Já viste? Estamos em 2080 e em cada tecnologia, somos obrigados a analisar minuciosamente... Cada tecnologia mais parece uma armadilha... Quanto mais tecnológico, mais perverso e traiçoeiro para nós. Parece que o ser humano quanto mais tecnológico é, mais infiel é para o seu corpo. Quase que temos de tirar mestrados em tudo para podermos saber o que é que faz mal e o que não faz. (...)

— É como aqueles novos legumes que “milagrosamente” nascem em vasos *supertecnológicos* em que são permanentemente emitidos com radiação. E as pessoas acham aquilo o máximo e compram e comem. Mas não sabem que a única radiação boa para as frutas, legumes e vegetais é o sol???? Porque é que estão sempre a inventar? Ainda se inventassem bem... Mas não... Só inventam para o mal... Parece que os cérebros das maiores empresas estão ligados, mas é a raiz do mal...

— E eu que tive de abrir uma nova cadeira na Escola Universal do Direito?... De Direito da Implantologia... Onde é que isto já se viu...? E porque é que tive de abrir essa cadeira? Porque o mercado obrigou-me a abrir essa cadeira... Tens pessoas a introduzirem todo o tipo de nanotecnologia dentro delas. Tens as empresas e os laboratórios a experimentarem pôr tecnologias dentro das pessoas e as pessoas aceitam-nas. O que tu mais tens (...) é pessoas com implantes tecnológicos... Implantes de memória... Tecnologia espalhada pelo corpo todo... Primeiro espalharam a tecnologia pelas relações, depois pela casa, depois por todos os objetos com a Internet das Coisas, agora até espalharam pelo próprio corpo... As pessoas andam a meter tecnologias dentro delas... E eu, o que posso fazer? Vou montando casos de direito hipotéticos que depois se tornam reais...

— Que casos é que montas em direito da implantologia?

— Deixa-me só abrir a porta já te conto... Olá! Como estás? Por favor, entre! Esteve muito tempo à porta?

— Ainda demorámos algum tempo a caminhar desde a sala onde estávamos... Mas viemos sempre a conversar... A casa do meu amigo Antoine é muito grande... Já vai ver...

— Desculpe lá!...

— Não tem de pedir desculpa por ter uma casa tão grande e tão bonita!

— Ah! Muito obrigado!...

— Então, que casos é que montas?

— Vamos só chegar primeiro à sala Brites e deixar à vontade o senhor...

— Arthur...

— Arthur? Ah! É o nome do meu aluno favorito!

— Tens alunos favoritos?

— Claro que tenho... Todos os professores têm... Não o podem é dizer... Mas a ti digo-te, que és o meu melhor amigo! Olhe, senhor Arthur... Se não se importar de deixar o seu telefone, por favor aqui dentro...

— Mas, porquê?

— Nesta casa, os telefones não passam daqui...

— Mas eu não vou fotografar nada... Está com medo que eu fotografe a sua mobília e diga ao Fisco e aos seus credores o que você tem aqui de valor dentro de sua casa?

— O senhor Arthur é muito engraçado... Felizmente, não tenho credores... Eu acredito que não vá fotografar nada, mas na minha casa os telefones não passam daqui, senhor Arthur... Se não se importar...

— Mas eu preciso do telefone, para depois fazermos a assinatura biométrica...

— Assinatura biométrica? Nem pensar! Eu não faço assinaturas biométricas com operadoras de telecomunicações. Oponho-me em entregar a minha impressão digital a uma operadora de telecomunicações... Não tem papel para eu assinar? Tem outra forma disponível para eu apor a minha assinatura, certo?

— A nossa empresa preocupa-se com o ambiente e por isso não imprime papel...

— Se a vossa empresa se preocupasse seriamente com o ambiente não encomendaria tanto material eletrónico, fazendo produzir todo o material eletrónico como os telefones e tablets que depois vos põem nas mãos cheios de tecnologias. Não tem um tablet para eu poder apor eletronicamente a minha assinatura? Já que a sua empresa não imprime papel reciclado, a sua empresa não lhe deu um tablet para os clientes poderem assinar?

— Sim... Mas tenho o tablet na carrinha... Teria que ir buscá-lo ou agora ou depois de fazer a instalação...

— Se a sua empresa se preocupasse seriamente com o ambiente não “mandaria fabricar” tablets para pôr nas mãos dos técnicos. Se a sua empresa se preocupasse seriamente com o ambiente imprimiria papel reciclado e não “mandaria fabricar” um tablet. Então, terá de ir buscar o tablet no final da instalação se quiser a minha assinatura...

— Eu deixei o tablet na carrinha, porque pensei que o senhor Antoine fizesse depois a assinatura biométrica, que eu com o telefone basta ir à aplicação que a minha empresa instalou neste telefone e era só o senhor Antoine pôr o dedo no ecrã e ficávamos logo despachados e poupava tempo a mim e a si... Que é como todos os clientes agora fazem e nunca ninguém se opôs... Isto nunca me tinha acontecido!...

— Ó, Arthur?! A sua carrinha não voa? O seu tablet não voa? Chame-o, que eu abro a janela, para ele entrar... Por favor... Estamos em 2080!...

— O Brites é muito brincalhão, não nos leve a mal, Arthur! E eu percebo-o, Arthur! É o seu trabalho, o Arthur segue os modelos e diretrizes da sua empresa. Eu sigo os meus modelos e diretrizes. Não sigo os modelos e diretrizes da sua empresa. Os outros clientes não se importam que a sua empresa tenha a impressão digital deles. Eu importo-me! Vivemos num ordenamento jurídico livre, não acha?

— Sim, claro... Cada um com as suas manias e ideias...

— Exatamente...

— Eu no final, vou lá buscar o tablet à carrinha e assinamos, não se preocupe, senhor Antoine.

— Obrigado, Arthur... Mas se não se importar de deixar, por favor, o seu telefone aqui... “Cada um com as suas manias e ideias”... Não é verdade?

— Então, que casos é que montas em direito da implantologia? Fiquei tão curioso...

— Ah!... Monto casos de hackers que interferem com a tecnologia que pessoas introduziram no cérebro (...).

— Essa cadeira deve ser brutal! Era capaz de voltar a ir para a faculdade só para ter essa cadeira... Isso é uma cadeira obrigatória em Direito?

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

— Não, é facultativa... Deixa-me só acompanhar agora um bocado a instalação, quero fazer-lhe umas perguntas... Então, Arthur?... Vocês têm muitas instalações por mês?

— Por mês?... Nós todos dias temos instalações...

— A sério? Vocês todos os dias têm instalações?

— Temos sempre...

— Todos os dias?

— Todos os dias, incluindo domingos e feriados...

— Mas têm o quê...? Uma instalação por dia, não?

— Não... 5, 6 instalações...

— Todos os dias?

— Todos os dias... E agora com o cruzamento de dados, uma pessoa se não pagar uma vez, nunca mais pode pôr uma boxe na vida mesmo com outra operadora... Porque as operadoras agora comunicam-se todas umas com as outras e têm listas negras...

— Ai, é? Mas essas listas negras não são permitidas...

— Ah, pois!... Mas eu já as vi... Nós sabemos quem é que são os clientes que não pagam e porque é que não pagam... Nós até sabemos os ordenados dos clientes e sabemos aqueles que não podem pagar e os que podem, mas não pagam, porque simplesmente não querem... Não é porque não podem... É porque não querem mesmo... Porque... Prontos... Há os que não podem pagar, não é? Que quase nem têm dinheiro para comer e num mês ficam mais

apertados ou assim... E prontos... Esses, agente ainda percebe... E a operadora até fecha os olhos se a pessoa disser o motivo, só que tem é que explicar... Agora há aí uns cabrões que não pagam e depois querem instalar outra boxe de outra operadora e já não podem... Eu até já sei quem é que eles são...

— Ai, sabe?

— Sei... Eu já fiz um padrão...

— O Arthur já fez um padrão...?

— Já...

— Diga-nos lá, então, o seu padrão...

— Olhe, aqueles que ouvem música nos canais esquisitos são os primeiros a inventar desculpas para não pagar, porque dizem que já não ouvem os agudos, que a boxe está com som defeituoso e depois não pagam uns 5 meses para trás... Pois eu, persigo-os a todos...

— Quais é que são os canais esquisitos para si, Arthur? Para eu me lembrar de não ir lá parar e não calhar no seu algoritmo... Senão, já sei que depois persegue-me...

— São aqueles canais em que só mete violinos, violões, clarinetes, trompetes... E digo-lhe mais... Todos esses clientes que têm mulher em casa, gostam é dos trompetes, porque todos eles veem às escondidas os canais gays, quando as mulheres não estão em casa...

— O Arthur não pode saber isso... Como é que o Arthur sabe isso...?

— Porque quando um cliente nos telefona, aparece logo as preferências do cliente. Eu já sei que quando é um cliente que vê o canal dos trompetes é um cliente que vai queixar-se dos agudos e vai pedir que um técnico vá lá a casa para reparar o som, que não precisa de reparo nenhum, digo-lhe eu... Mas é assim que eles começam... Já sei, que é um cliente que vai deixar de pagar e vai usar o serviço por mais uns 3, 4, 5 meses... E também bem eu vejo, sem ninguém me contar, que os que ouvem o canal dos trompetes são os mesmo que veem o canal dos gays...

— Ah, sabe lá se são os maridos ou os filhos... Se calhar, até são os filhos ou as mulheres, ou até os maridos veem esses canais com as mulheres... Não pode dizer isso assim, Arthur...

— Ah, posso, posso! Digo-lhe que quem ouve os trompetes, é porque gosta também de ver os outros trompetes... Não sei se me estou a fazer entender...

— Está, está...

— Olhe, senhor Antoine, não se esqueça que isto agora estamos todos ligados... Esta boxe grava tudo...

— Grava o quê? Os programas...

— E não só... Conversas...

— As conversas dos programas...

— Não! As conversas... Esta conversa que estamos aqui a ter já está a gravar...

— Então, mas está a instalar tecnologia em minha casa e está-me a dizer que a tecnologia que está a instalar grava aquilo que eu digo?

— Sim... Está no contrato... Ainda não leu?

— Nem preciso de ler. Desinstale tudo! Não vou celebrar contrato nenhum convosco! Leve-me essa porcaria daqui!

— O que é que se passou, Antoine?

— Brites, não estás a ouvir? O Arthur está a dizer-me que aquela boxe grava as nossas conversas...

— Oh!... Isso é mais do mesmo...

— Mas tu sabias disto, Brites?

— Sabia... Está no contrato... Não o leste? És de Direito e não o leste?

— Também lhe faço a mesma pergunta, senhor Antoine. Então o senhor Antoine é de Direito e não lê os contratos? Tinha-me poupado o tempo que estive aqui a perder nisto... E agora o que é que eu vou dizer à empresa?

— Não precisa de dizer nada Arthur. Não disse que essa boxe está a gravar tudo o que dizemos? Então tire essa boxe da minha casa, leve-lhes a boxe, mostre-lhes a gravação e diga-lhes que eu vou intentar numa ação penal tecnológica contra eles, porque isto é um crime tecnológico! A sua empresa é uma empresa criminosa! Eu acompanho-o à porta, Arthur!

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

— Está um telefone a tocar...

— Ah!... É o meu... Vou ter de atender...

— «Olá! Tem uma nova gravação. Detetámos que o seu namorado teve uma interação na montanha. O algoritmo pontuou o seu namorado como... BOM... O algoritmo não classificou nem como MUITO BOM... Nem como EXCELENTE... Porque o seu namorado deu algumas informações pertinentes (...) Detetámos que o ritmo cardíaco não se alterou durante a interação. O algoritmo adicionou as seguintes observações relativamente à interação: NENHUMA OBSERVAÇÃO. Relativamente à pessoa do seu namorado o algoritmo da análise de voz observou... UMA CONVERSA SINCERA E HONESTA... FOI FIEL... GRATUITO E DESINTERESSADO... Para ouvir a gravação por favor marque 1. No final da gravação, por favor, pontue o algoritmo dizendo se concorda ou discorda com cada uma das observações e em caso de discórdia, por favor explique-nos as razões para que possamos melhorar a análise das interações e de voz e melhorarmos a finalidade do nosso sistema.»

— Então, estás a falar com robots ou quê? Parece que estás a ouvir uma gravação...

— Estou a falar com o algoritmo do meu namorado...

— Estás a falar com o algoritmo do teu namorado????

— Sim... Estou a ouvir uma gravação dele...

— Dele de quem? Do teu namorado ou do algoritmo do teu namorado?

— Uma gravação que o algoritmo do meu namorado me enviou...

— E porque é que estás a ouvir uma gravação do algoritmo do teu namorado, ao invés de ouvires a voz do teu namorado?

— Assim é mais fácil... Ele escusa de me contar onde esteve e com quem esteve e o que aconteceu. O microfone do telefone dele grava tudo e envia-me automaticamente as interações mais pertinentes... Contratámos uma empresa...

— Que há uma empresa a fazer isso em 2080 e a divertir-se muitíssimo com os dados dos namorados não me espanta... Espanta-me é vocês terem aderido a isso... Terem deixado que essa empresa faça filmes de comédia romântica à vossa custa...

— A nossa relação melhorou muito depois de termos instalado os algoritmos desta empresa nos nossos telefones...

— A vossa relação melhorou muito depois de terem autorizado uma empresa a aceder ao microfone dos vossos telefones???? Estou sem vocabulário... Para mim isso é demasiado tecnológico, para não dizer... Ah!... Sei lá... Não quero interferir... Vocês são dois adultos, é a vossa relação... Não me digas que a empresa também vos disponibiliza especialistas para se reunirem em sessões para discutirem o namoro de 3 em 3 meses... Isso ainda era mais fantástico... Mais surreal...

— Sim... O serviço de especialistas está incluído. Mas não é de 3 em 3 meses... É uma vez por semana...

— Uau... De facto... Estamos mesmo em 2080 e a minha capacidade humana para entender as novas tecnologias e as novas relações tecnológicas ficou em 2020... E os especialistas são robots?

— Robots ficava-nos mais barato... Mas nós preferimos ter um especialista de carne e osso...

— A sério? Quem diria... Essa empresa é legal?

— Claro que é legal... Que raio de pergunta é essa?

— Isso mete tantos dados ao barulho... Vejo aí tantos direitos de personalidade violados...

— É a tua opinião... Nós não nos sentimos violados nem lesados nos nossos direitos. E isso que defendes do direito dos dados enquanto direito fundamental e dos direitos de personalidade são tudo fantasias de um direito fantástico que tu quiseste e queres a todo o custo defender... Vives na fantasia... As relações evoluíram. Está tudo a evoluir. Tu e o Thomas é que parece que não querem evoluir... Digo-te mais, assim que instalámos o algoritmo nos nossos telefones acabaram-se as desconfianças entre nós... Já não temos ciúmes...(...) O algoritmo não me envia gravações à toa. O algoritmo é uma tecnologia de ponta... A melhor do mercado... Envia as interações estranhas ou anormais... Ele reconhece os colegas de trabalho, diz-me se há um colega de trabalho que se faz mais a ele ou não e que o meu namorado nem lhe passa cartão... Isso é importante... Teres um algoritmo a dizer que a tua relação é perfeita, é porque a tua relação é mesmo perfeita... Tudo tem um algoritmo... Uma matemática. Uma fórmula. Vocês sabem qual é o vosso algoritmo? Sabem qual é a percentagem de felicidade da vossa relação? A percentagem de sucesso no futuro da vossa relação? O algoritmo calcula a probabilidade da tua relação... Analisa cada discussão e interfere quando é necessário, para

acalmar a discussão... O nosso banco não queria conceder-nos um *crédito à habitação para recém-casados*, porque viu que estávamos ainda há pouco tempo na relação, tinha visto umas discussões nossas na *Rede* e outras coisas que não sabemos porque carga de água o banco achou que nos pudéssemos zangar e divorciar... Tínhamos de dar mais provas que a nossa relação era estável... O banco também não achou piada ao facto de eu pertencer ao Triângulo e ele ao Trapézio... No seu entender, o banco achou que isso pudesse algum dia vir a transtornar a relação... Mas com o contrato com esta empresa de algoritmos, o banco já nos concedeu o empréstimo... Ficou convencido pelos algoritmos, que afinal a nossa relação tem tudo para dar certo... Até o banco ficou convencido, vê lá tu... É porque o nosso algoritmo é mesmo bom... E tu e o Thomas? Sabem se vai dar certo? Sabem se vai ser para sempre? Como é podem saber sem algoritmos que digam que sim, que vai dar tudo certo? Não podem... Afinal, qual é o vosso algoritmo? Não têm algoritmos...

(...)

— Pois, eu e o Thomas (...) Não precisamos nem nunca instalaríamos essa tecnologia. Nós somos a tecnologia! O nosso amor é que é a tecnologia! Dizes-me que a vossa relação melhorou porque acabaram-se os ciúmes e as desconfianças, desde que instalaram a tecnologia, porque vocês tinham ciúmes e não confiavam um no outro. Nós não sabemos o que é isso. Sou homem e tenho olhos na cara e sei que os outros homens acham o Thomas lindo de morrer como eu acho. Mas os olhos que tenho instalados na cara (...) Só me deixam olhar para ele. Eu só olho para ele! E sei que ele tem a mesma tecnologia instalada no coração dele e que também só olha para mim! Não precisamos de nenhum algoritmo que nos diga se estamos felizes ou se a nossa relação vai ter ou não sucesso, muito menos precisamos de um crédito de um banco que confie na nossa relação e olhe para nós e acredite que vamos ficar juntos para sempre. Basta aquilo que sentimos

um pelo outro. É esse sentimento que nos diz que vamos ficar juntos para sempre. O nosso sentimento é o nosso algoritmo! Nós não discutimos... Vocês passam a vida a discutir... Antigamente quem ouvia as vossas discussões era eu, o Thomas, a Áurea, a tua mãe, o teu pai, o teu irmão... Hoje, ao terem celebrado esse contrato com essa empresa e com esses algoritmos, vocês partilham as vossas discussões. E as vossas discussões valem dinheiro no mercado de dados. Esse mercado ilegal que eu todos os dias tento combater... E tu vens dizer-me que eu vivo na fantasia e que o meu direito dos dados e dos direitos de personalidade são uma fantasia? As vossas discussões estão cotadas em bolsa. Sabes o que isso significa? (...) Os direitos de personalidade são uma espécie de direito ameaçadíssima. Em alguns ordenamentos jurídicos nem sequer existem, porque nunca existiram. Noutros estão já em vias de extinção. E noutros já se extinguiram. E eu nasci, e não vou deixar que empresas malditas e empresários malditos extingam um direito com o qual eu nasci. E tu vens dizer-me que eu vivo na fantasia e que o meu direito dos dados e dos direitos de personalidade são uma fantasia???? (...) Mas tu queres lá saber disto... Queres lá saber dos teus direitos e dos meus direitos... Mas eu quero, pelo menos, saber dos meus direitos. Esqueces-te que lá por tu não te importares que uma empresa aceda 24 horas sobre 24 horas ao microfone do teu telefone, eu importo-me. E importo-me porque neste momento, todo este meu direito intelectual está a ser violado por causa da tua tecnologia. Porque a tua empresa, os algoritmos da tua empresa estão-me a roubar isto que eu digo! Estão a roubar-me cada palavra que eu digo! (...) E a tecnologia que tens instalada nesse teu telefone está a entrar na minha vida real e eu não queria que nenhum dos teus algoritmos, (...) empresários, (...) analistas (...) psicólogos, (...) especialistas, entrasse na minha mente, soubesse o que eu penso, ouvisse isto que eu estou a dizer. (...)

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

\*\*

# Quarta-feira, 18 de setembro de 2080

— Bom dia! Antes de entrarmos no nosso caso eu trouxe-vos hoje um outro e que até poderá ter um pouco a ver com o caso anterior. Temos uma nova empresa de namoro que para “melhorar” a confiança e a fidelidade dentro do namoro, promete instalar um algoritmo no microfone e na câmara do telefone que vai analisar as interações e a voz com que nós participamos nas imensas interações do nosso tecnológico quotidiano, pontuando o nosso namoro, dando instruções, recomendações, enfim, participando na vida dos namorados.

— Isso é legal, professor?

— Devolvo-lhe eu a pergunta, Arthur. No seu entender, é legal?

— O Direito À Vida Íntima e Privada é um direito de personalidade fundamental e consagrado na nossa Constituição Tecnológica.

— E muito antes de ter sido consagrado na Constituição Tecnológica, já tinha sido consagrado no Código Civil de 1966...

— Mas nós estamos em 2080, Gusmão...

(...)

— (...) Queria dizer que era verdade que o direito à vida íntima e a reserva da vida privada era um direito de personalidade fundamental que o Direito veda e proíbe a sua violação, mas que (...) permite a sua limitação voluntária.

— E o que quer isso dizer Gusmão?

— Quer dizer que o Direito me deixa, eu, autolimitar os meus direitos de personalidade, deixando, por exemplo, que uma empresa explore os meus direitos de imagem que são também um direito de personalidade fundamental.

— Certo! Mas o Direito deixa assim, sem mais nem menos, que toda e qualquer empresa explore os nossos direitos de personalidade, Gusmão?

— Não...

— Então? O que é que o Direito diz sobre isso? Quer ler o artigo?

— “Toda a limitação voluntária ao exercício dos direitos de personalidade é nula, se for contrária aos princípios de ordem pública”.

— Ou seja...?

— Tem de ser legal...?

— Claro que tem de ser legal. Primeiro tem de haver um ato voluntário da própria pessoa. (...) E depois tem de ser uma exploração que seja lícita com um propósito que também seja lícito. A discussão que se coloca, desde logo, é se uma empresa destas, uma empresa de namoro, poderia ou não ser contrário ao princípio de ordem pública. Qual é que é o benefício real que os namorados vão tirar proveito do serviço desta empresa? Desta empresa que “vende” fidelidade e confiança? Mas a fidelidade e a confiança não são comercializáveis num namoro. Podem é ser negociáveis, mas (...) só entre as partes que fazem parte do namoro, que são os namorados. Estas empresas vão é destruir as relações, vão degastá-las, vão deprimi-las e vão vendê-las num grande mercado de dados (...) E será que há uma real consciência dos clientes destas empresas nisto, quando assinaram os contratos e autorizam a instalação dos algoritmos e da tecnologia das empresas nos seus telefones? E, portanto, quando o Arthur está a ouvir o caso que eu estou a trazer-vos e o cérebro dele desperta logo para perguntar se este tipo de empresas é ou não legal no nosso ordenamento jurídico, é, pois, um despertar que vale e merece todo o acolhimento legal. Mas vamos supor que a Suprema Corte Tecnológica, o nosso tribunal tecnológico mais poderoso e que é capaz de destruir e proibir todas as tecnologias que circulam no nosso mercado e no Sistema Perfeito, não se teria pronunciado pela sua ilegalidade. Vamos, por isso supor, que esta empresa dos namorados era legal. E vamos supor agora que vocês e o vosso namorado ou namorada instalaram os algoritmos nos vossos telefones e sem o vosso namorado ou namorada foram dar um bonito passeio a uma montanha onde vão sempre “falar” com os *Dons*. Vamos supor que vocês são sem ninguém saber do Pentágono, e aparece alguém que vocês, em princípio, sabem que não poderá interferir com a vossa realidade, e como estão tão à vontade, sem querer, dizem que sobem sempre àquela montanha para estarem mais perto dos *Dons*. O vosso algoritmo ouviu e já gravou aquela informação sobre vocês. A primeira pergunta que eu vos faço é muito simples: será que a empresa de namoro está obrigada a informar o Sistema Perfeito que vocês afinal

não são do Triângulo, mas são do Pentágono? A segunda pergunta que eu vos faço é também muito simples: será que a empresa de namoro pode ceder esta vossa informação a uma empresa autorizada de tratamento de dados? E a terceira pergunta que eu vos faço é: será que vos pode ser recusado um emprego pela Administração Pública por causa da empresa de namoro que “passou” a informação que não são do Triângulo?

(...)

— (...) E a terceira pergunta que eu vos tinha feito...

— Era se nos poderia ser recusado, pela Administração Pública, um emprego por causa da empresa de namoro que “passou” a informação à Administração Pública que não éramos do Triângulo...?

— Obrigado, Catharina! E então?

— Sim, poderia.

— E o que é que a Catharina poderia fazer perante a recusa?

— Poderia pedir à Administração Pública que fundamentasse a recusa...

— E a Administração Pública iria dizer-lhe que recusou por causa do algoritmo...

— Poderia tentar investigar a origem do algoritmo...

— Sim, mas como?

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

— Poderia perguntar se o algoritmo em que a Administração Pública se baseou proveio ou não de algum tratamento ou processamento de dados feito por uma entidade empresarial...

— Muito bem, Catharina! (...) E se a Administração respondesse que sim?

— Então poderia solicitar a origem e atacar o tratamento ou o processamento...

— Como? No caso em concreto, conseguiria?

— Acho que sim... Poderia dizer que o meu cliente só disse aquilo nas montanhas porque queria impressionar ou seduzir o outro que sabia que acreditava em *Dons*...

— Muito bem, Catharina... Depois iria era arranjar um novo problema com o namorado do seu cliente... Mas seria uma hipótese... Ou simplesmente dizer que disse que acreditava em *Dons* porque lhe apeteceu, (...) nós somos poços de criatividade... É por isso, que eu vos digo que o futuro da advocacia vai ser nisto. Em conseguir dismantelar os algoritmos. Esta nossa cadeira do Direito ao Algoritmo serve para vocês conseguirem pensar na ciência que está por detrás do algoritmo.

— Professor! Parece que o algoritmo está a bater à porta...

— Em 2080... Só faltava mesmo era os algoritmos baterem à porta, Catharina...

— Eu estou a ouvir um algoritmo a bater à porta, professor...

— PAI!? O que faz aqui?

— Ah! Deixe-me entrar...

— Pai! Ainda estou a meio de uma aula... Vai ter de esperar lá fora...

— Era o que mais faltava! Essa é boa! Fui eu que fui o fundador desta escola! Era o que mais faltava ficar agora à porta. Ena...! Tantos!... Que cadeira é esta?

— Direito ao Algoritmo, Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito...

— Ah! Eu não fundei essa cadeira... Aliás, eu proibi essa cadeira de existir... Quem é que a fundou?

— Fui eu, pai... É a Catharina, uma das minhas alunas. Catharina, é o meu pai...

— Porque é que o Senhor Fundador da Nossa Escola de Direito proibiu a cadeira de Direito ao Algoritmo? É a minha favorita...

— Trouxe aqui umas cartas que eu escrevi ao sistema (...) Se o vosso professor de Direito me der a liberdade de as ler, verão porque quis proibir a cadeira de Direito ao Algoritmo... (...)

**Para continuar a ver gratuitamente o demo desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor Antoine Canary-Wharf e clique nos botões dos vários demos.**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**